

Perigo em pontos turísticos

DANIELA MARTINS/AT

Especialistas dizem o que fariam para melhorar e dar segurança aos locais turísticos da Grande Vitória

SAVIANO ABREU

Quando o assunto é turismo, o Espírito Santo poderia ganhar de goleada na atração de visitantes de diversas partes do País. Monumentos históricos e um litoral com mais de 400 quilômetros de praias são chamarizes para os mais de 560 mil turistas que passam pelo Estado todos os anos.

Mas a falta de segurança e infraestrutura jogam contra o Estado. Na Grande Vitória, por exemplo, a violência além de deixar capixabas em casa faz com que os próprios moradores desestimulem a vinda de visitantes.

“Eles colocam medo nos visitantes e os desencorajam a visitar locais, como o centro de Vitória, avisando que podem ser assaltados por lá”, conta o guia de turismo Ricardo Loppes, que há oito anos trabalha no ramo.

O resultado disso são locais pouco visitados e fadados ao esquecimento por parte de turistas e moradores. Para a subsecretária de Estado do Turismo, Marcia Guimarães Abrahão da Costa, o mais importante é investir em bom atendimento.

“Temos que melhorar é nossa qualidade de atendimento. Quanto aos locais poucos visitados, estamos trabalhando junto a agências de turismo para incentivar roteiros nessas regiões”, disse.

Para saber como poderiam ser esses locais caso a segurança não fosse um problema, **A Tribuna** ouviu seis arquitetos e perguntou o que eles mudariam na infraestrutura para atrair visitantes. Eles destacam iluminação e atividades culturais.



As arquitetas Leticia e Giovana sugerem que no Parque da Fonte Grande sejam instaladas lunetas em mirantes e lojinhas

Caminhadas e esportes na Fonte Grande

Imagine poder admirar toda a ilha de Vitória, iluminada pelas luzes noturnas da cidade, do alto do Parque da Fonte Grande. Por enquanto, isso só é possível por meio de fotos.

A visita noturna ao parque é proibida e mesmo durante o dia o acesso é difícil para quem não tem carro. Não existe nenhuma linha de ônibus regular que atenda a funcionários e população. Mas, de acordo com o biólogo Édson Valpassos, presidente da Associação dos Amigos do Parque da Fonte Grande, esse não é o principal problema.

Para ele, não adianta facilitar

o acesso se não forem ampliadas a estrutura existente e a segurança para ofertar um melhor serviço. “Se hoje, pela manhã, os turistas são assaltados, imagina por meio de fotos”, argumenta.

Se fosse contratada para revitalizar o parque, a arquiteta Adriane Alvarenga iria explorar ao máximo o potencial de turismo ecológico do local, com trackings, caminhadas e outros esportes. Iria expandir aos poucos os horários de funcionamento, até chegar a abrir durante a noite. Ela faria ainda um mirante, com um café-lanchonete,

e investiria em um projeto paisagístico.

As arquitetas Giovana Zorzaneli e Leticia Finamore acham primordial uma lojinha para lembranças. “Ideal também que tivessem lunetas nos mirantes. A loja poderia alugar esse material”, destaca Leticia.

O também arquiteto e urbanista José Daher Filho seria um pouco mais ousado. Depois de melhorar as condições de acesso, construir estacionamento, banheiros e lanchonetes, ele investiria num projeto inovador de um restaurante, que se camufle e se incorpore à paisagem.

Ele faria uma construção semi-enterrada, onde só a frente seria de vidraças, para valorizar a vista. “O restante do restaurante ficaria debaixo da terra, com um jardim em cima. Ficaria contemporânea, mas sem agredir a paisagem”, explica.

A arquiteta Rachel Perim sugere a construção de uma estrutura temática, relembrando a importância do povo italiano ou alemão para a história do Espírito Santo. “Outro recurso interessante seria a construção de uma capela, onde seriam instaladas algumas relíquias religiosas”, opina.

O QUE DIZEM OS ESPECIALISTAS

MUSEU FERROVIÁRIO

“Tratamento no entorno”

Com a maior maquete ferroviária da América Latina e um rico acervo que conta a história da implantação e evolução dos “caminhos de ferro” do Brasil, o Museu Ferroviário, em Argolas, Vila Velha, ainda é pouco visitado pelos turistas.

O acesso, que passa por uma região marcada pela criminalidade, causa medo aos visitantes. “As pessoas vão ali em dias de evento porque sabem que vai estar cheio. Mas no dia-a-dia, ficam com medo”, alerta o arquiteto urbanista José Daher Filho.

Para ele, o Museu Ferroviário é bem estruturado e uma referência para a Grande Vitória, mas é preciso dar um “tratamento” ao entorno, para tirar essa sensação de insegurança. Iluminação e urbanização das ruas são as dicas do urbanista.

Já Adriane Alvarenga daria uma alteração na área interna. “Aproveitaria a idéia de usar um vagão para restaurante,

já adotada por eles, e colocaria mais vagões, com outras opções de cardápio para atender a gostos e bolsos diferentes”, disse.

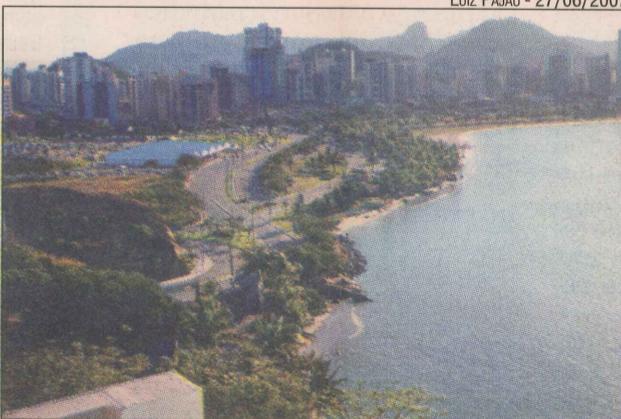
A maior divulgação do museu também foi citada pelos arquitetos como primordial para aumentar o número de visitas.

CURVA DA JUREMA

“Dar uma cara nova”

A vista é bonita, o clima agradável e aconchegante. Mas ir à Curva da Jurema, em Vitória, principalmente durante a noite, pode significar correr um sério risco de ser assaltado.

Para os arquitetos consultados, a promoção de eventos culturais regularmente – que se perdeu com o tempo justamente pela falta de segurança – pode ser a grande aposta para que a Curva da Jurema volte a



Curva da Jurema, em Vitória: riscos de assaltos

ser freqüentada por turistas e capixabas.

Mas um lembrete é feito pelos profissionais: a iluminação precária é o primeiro ponto a ser melhorado, até mesmo para evitar investidas de bandidos.

Para o arquiteto José Daher Filho, é fundamental estabelecer uma programação com atividades variadas, incluindo shows

ao ar livre, sarau de poesias e teatros. Adriane Alvarenga lembra que a música ao vivo já foi uma tradição no local.

Na visão de Daher, a arquitetura dos quiosques não precisaria mudar. “Se tiver boa comida, bom atendimento, banheiros limpos, isso pode ser o grande atrativo”, defende.

Já Adriane daria uma cara nova às edificações. “As outras capitais estão apostando em quiosques mais contemporâneos, feitos de vidro e aço. Dar uma cara nova vai atrair o turismo”, acredita.

ILHA DAS CAIEIRAS

Cercado com a violência

“Um paraíso no meio do inferno”. É assim que o presidente do Movimento Comunitário da Ilha das Caieiras, Flávio Santos, caracteriza o local, um dos pontos turísti-

cos “mais gostosos” da Grande Vitória.

Com boa comida e gente simpática no atendimento, a Ilha das Caieiras comanda o roteiro gastronômico de Vitória. Mas como bem explica Flávio, o local é cercado pelos bairros considerados mais violentos da capital, o que afugenta turistas e moradores.

“Aqui só moram famílias, pessoas de bem, que nasceram no bairro e zelam pelo lugar. Mas nos dias de pico, com muitos turistas, vem gente de fora para causar problemas”, diz. A associação já pediu apoio da Guarda Municipal, mas não foi atendida.

A dificuldade de acesso e a falta de estacionamento são outros problemas apontados pela própria comunidade. Mas para o arquiteto e urbanista José Daher Filho, isso poderia ser resolvido de uma maneira bem interessante.

“Temos que criar um serviço bem estruturado de embarcações, que levem as pessoas até a Ilha das Caieiras”, explica, sugerindo a criação de um roteiro que rodasse toda a ilha de barco.

LUIZ PAJAU - 27/06/2007